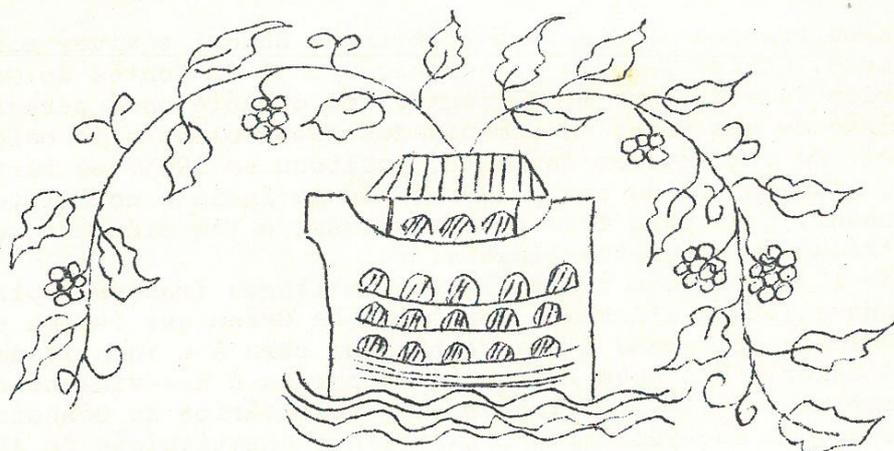


LANZA
DEL VASTO
EM
PORTUGAL



LANZA DEL VASTO nasceu em Itália em 1901. É descendente dos Imperadores do Ocidente e dos Reis normandos da Sicília. Poeta e artista, cultivou com rara perfeição a poesia, a música, a escultura, a pintura e a cinzelura. Aprendeu várias línguas e estudou filosofia na Universidade de Pisa, onde se doutorou. Ainda estudante, decidiu tomar a independência económica, perante a ruína material da família. Negligenciando qualquer ganho ou lucro, experimentou várias profissões manuais, por vezes as menos procuradas, o que correspondia a uma profunda procura de Verdade e de contacto com os homens. Foi pedreiro, carpinteiro, oleiro, tecelão, camponês voluntário e fiou lã e linho. Viveu em várias capitais, conviveu com povos diversos da Europa, das duas Américas e do Norte de África. Recusando instalar-se, prezou sempre a pobreza que considerava "filha da poesia e irmã da libertação" e um dos mais belos ornamentos do espírito. A sua prática essencial foi sempre a da arte de viver.

Perto dos trinta anos, descobriu a sua vocação de peregrino, depois de ter vagabundeado em França e Itália. O seu fim era purificar-se, corrigir-se, mudar de vida. Atravessou países em guerra, florestas, desertos, percorreu uma parte da Grécia, Turquia, Egipto, Síria e Líbano e percorreu a pé a Índia, a Terra Santa e o Tibete. Conheceu o bom e o mau acolhimento dos povos.

Um dos principais motivos da sua peregrinação à Terra Santa e à Índia foi a procura de sabedoria. Convertera-se à sua própria religião cristã e queria ser cristão até ao fim. O Ocidente cristão não compreendeu nem praticou o Evangelho, relegando os preceitos do Sermão da Montanha para alguns santos, sem saber inserir a sua prática nem ao longo da história, nem no mundo contemporâneo.

Atraído pela acção de GANDHI, procurou o Mahatma na Índia para ouvir as suas propostas e soluções para os problemas ocidentais, sobretudo o da guerra. Intensamente receptivo à espiritualidade hindu, viu nela as evidentes analogias com a religião cristã. O que mais o tocou e aprendeu com Gandhi foi o princípio da UNIDADE DE VIDA, base da Não-Violência e que o próprio Gandhi extraíra do Evangelho. O Mahatma encontrara a súpula da Não-Violência nas Bem-Aventuranças evangélicas. Praticou o Satiagraha ou Adesão à Verdade, companheira da não-violência ou Ahimsa na sua fé, nos seus sentimentos, pensamentos e acções, unidade que não se encontra na vida e cultura ocidentais. Conseguiu dar a verdadeira dimensão à não-violência que é procura de Harmonia e de Unidade dos seres e a que chamava a sua "religião". Segundo Vinoba, seu discípulo e sucessor na Índia, a não-violência é pregada em todas as religiões.

Lanza del Vasto viveu no ashram (comunidade) com GANDHI que lhe deu o nome de SHANTIPAS que significa o Servidor da Paz. Pensa que não é por acaso que a Bomba Atómica e a Não-Violência Gandiana se revelaram ao mesmo tempo como as grandes descobertas do século. Compete aos homens a escolha ou da morte na engrenagem violenta ou da Vida e da Libertação pela Não-Violência. Considera a "epopeia gandiana" como a resposta e a compensação das guerras mundiais do século XX e a esperança de um novo caminho aberto para a humanidade. Decidiu consagrar toda a sua vida à pregação e aplicação do ensinamento que recebera do seu Mestre e amigo.

Shantidas pensou ficar na Índia para acompanhar Gandhi e viver nas comunidades por ele fundadas. Quando fez uma peregrinação a pé às Fontes do Ganges sentiu o apelo interior de regressar ao Ocidente. Foi durante essa peregrinação que teve a primeira visão de uma Ordem de comunidades não-violentas no ocidente e a apelo para a fundar. De regresso ao Ocidente, publicou em 1943, em Paris "Le Pèlerinage aux Sources", itinerários da sua peregrinação na Índia e no Egipto e o seu encontro com Gandhi. Esta obra teve grande sucesso e tem sido progressivamente reeditada e traduzida em várias línguas.

Desde 1938 publicou trinta livros em língua francesa e inúmeros artigos na revista "Nouvelles de l'Arche", periódico da Ordem que fundou em 1948. O que confere uma Unidade milagrosa à sua vastíssima obra é a identidade da procura de Verdade. A maioria dos seus livros é consagrada à não-violência, em forma de notas de peregrinações (1), meditações (2), comentários do Génesis e do Evangelho (3) relatos de acções não-violentas e história e constituição da ARCA, a ordem que fundou em 1948 (4). Publicou ainda obras com temas bíblicos (5), um livro de poesia esotérica de intensa espiritualidade (6), uma tese sobre a visão trinitária do homem e do mundo (7). O itinerário do seu pensamento que é essencialmente contemplação está a ser publicado em vários volumes (8). Procurou vivificar o teatro alegórico e simbólico para o integrar na vida. (9) levando os homens à conversão da inteligência e da imaginação. É ainda autor de canções de música popular francesa, música sacra polifónica, contos e poemas populares sicilianos (10). As suas obras básicas sobre não-violência são: "Approches de la Vie Intérieure", meditações sobre a disciplina do corpo e do espírito na qual se apoia a não-violência, escrita a partir de conversas, "Les Quatre Fléaux", obra meditada durante quarenta anos sobre os erros das civilizações, os quatro flagelos que são a guerra, a miséria, a rebelião e a escravatura, em vista à revolução não-violenta, "Technique de la Non-Violence", definições da não-violência e história das acções não-violentas empreendidas por Shantidas e os seus companheiros.

Shantidas é um dos raros autores do século XX que conserva a frescura e um certo humor incisivo do ensinamento oral, pois algumas das suas obras foram escritas a partir de notas dos discípulos. O seu ensinamento é um convite permanente à reflexão e à prática da não-violência. Na sua obra vasta, riquíssima e diversa, perpassa a sabedoria milenária, a sua experiência interior e exterior de poeta, peregrino, pensador e Mestre espiritual, o conhecimento dos povos, das tradições religiosas, da filosofia ocidental e da espiritualidade universal. o seu ensinamento é uma síntese única de sabedoria universal que reúne os valores vitais da religião cristã esquecidos no Ocidente e a não-violência gandiana. Para Shantidas não há antagonismo entre Oriente e Ocidente, mas uma necessária complementaridade. Não se verificando a abertura mútua de ambos, "um apodrece e outro seca" (11)

- (1) "Le Pèlerinage aux Sources" e "Vinoba ou le nouveau Pèlerinage", Denoel
- (2) "Principes et Préceptes du Retour à l'Évidence", manual de vagabundagem ascética "Approches de la Vie Intérieure" (vide acima), "Les Quatre Fléaux" (vide acima)
- (3) "La Montée des Âmes vivantes" ou "Commentaire de la Genèse", "Commentaire de l'Évangile". Obras escritas a partir de notas dos discípulos, Denoel
- (4) "Technique de la Non-Violence". "L'arche avait pour voilure une vigne", Denoel
- (5) JUDAS, Denoel, a sua primeira obra publicada em 1938, sobre a condição humana
- (6) "Le Chiffre des Choix", Denoel, 1942
- (7) "La Trinité Spirituelle", Denoel, 1971, escrita e meditada de 1925 a 1970
- (8) "Le Viatique", Denoel, 1970 a 1970
- (9) "NOE, drame antédiluvien d'anticipation", uma obra-prima de teatro sobre a salvação possível através do segredo de Noé da civilização técnica criada na cidade de Henoque, antes do dilúvio, pelos filhos dos homens e os filhos dos Anjos. É ainda autor de "La Marche des Rois", mistério do Natal e "La Passion", mistério da Páscoa
- (10) "Chansonnier Populaire, La Filense à la Rose, La Baronne des Carins" (poema popular siciliano); "L'Homme libre et les ânes sauvages (contos)
- (11) frase pronunciada numa conferência em Notre-Dame, Paris, novembro de 1978, sobre o tema "As dimensões do espírito"

Para GANDHI e SHANTIDAS a História é a "história das nossas desgraças e dos nossos crimes". As teorias políticas, económicas e sociológicas, as utopias, analisam a sociedade e as civilizações, fazem projectos de reforma, sem saberem explicar a origem profunda dos erros dos homens que têm precipitado cíclica e progressivamente todas as civilizações, incluindo a nossa, no abismo e na destruição. Para Shantidas a razão dos erros é essencialmente moral, é o ERRO Original de que falam as Escrituras de várias tradições, o pecado do homem contra o Espírito, desviando-o da sua unidade com o Criador, consigo próprio e as criaturas. O erro do homem foi e é o desvio da inteligência para a procura de lucro e de dominação em relação ao Criador e às criaturas que o leva à desintegração, a perda da unidade, à dualidade da Ciência-do-Bem-e-do-Mal. É a procura do lucro e da dominação que precipita os homens da guerra, na miséria, na sedição e na escravidão. Num admirável comentário do Génesis, Shantidas apresenta os progressos da Ciência-da-Bem-e-do-Mal desde as primeiras civilizações até à bomba atómica. A sua voz ergue-se como a de um profeta bíblico para denunciar as doenças do século, a sua origem, a rina futura ou a cura possível dos males pela não-violência.

Segundo Shantidas, os homens poderão começar desde já uma nova história se praticarem a não-violência, se procurarem a Justiça e a Paz com as armas da Justiça, do espírito e da Verdade. O reino dos céus anunciado no Evangelho poderá começar na terra. Para o fundar, o primeiro passo é a conversão espiritual, o olhar para dentro de si mesmo, a tomada de consciência dos erros, a mudança interior do espírito de lucro e de dominação para o espírito de dom e de serviço. O homem converte-se fazendo mudar de direcção a Inteligência e o coração, na procura da unidade perdida. O reino dos céus, a Paz poderá existir e criar lentamente uma nova sociedade se os homens convertidos à não-violência viverem em núcleos comunitários que se multiplicarão, se não houver desvios. Esta é a "boa nova".

Depois de quatro anos de ensinamento, Shantidas fundou a ORDEM DA ARCA em 1948, no sul da França, com alguns dos seus discípulos. A ARCA é uma tentativa de sociedade não-violenta em todos os planos da vida: economia, autoridade, justiça, agricultura, medicina, regime alimentar, vida quotidiana e familiar e educação. Não é uma ordem religiosa, é ecuménica e aberta a todas as religiões, na tolerância e sem discussões. É uma Ordem Laboriosa que até agora fundou comunidades agrárias e artesanais, mas aberta a inúmeras fundações possíveis, dentro da mesma procura que é a reconciliação humana e a unidade de vida. É uma Ordem Patriarcal pois é mais uma tribo que um convento de monges e cada tribo terá o máximo de trinta pessoas - famílias, crianças e pessoas solteiras. Mas não procura imitar nenhuma tribo precedente. A autoridade do Patriarca é o conselho e o serviço dos membros das comunidades ou companheiros. As escolas primárias estão incorporadas nas comunidades.

Os companheiros da Arca esforçam-se por viver uma economia de subsistência e de quase autosuficiência, procurando não explorar ninguém nem serem explorados. Todos os problemas de classe são eliminados pelo trabalho comum e pela simplificação das necessidades materiais. O trabalho das mãos, agrário e artesanal é acompanhado diariamente da disciplina do corpo e do espírito, pela prática do yoga, da meditação e da oração para os crentes. Procura praticar-se o yoga social. Todas as formas de cultura que libertam o homem são encorajadas na Arca: o canto popular e sacro, a dança oriental e ocidental, teatro popular, alegórico ou simbólico. O trabalho é ritmado também pelas festas dos quatro ciclos do ano que são sobretudo a celebração da unidade, da criação, do trabalho do criador. Na festa da Noite de São João, os companheiros fazem os votos de Trabalho, Obediência, Responsabilidade, Purificação, Pobreza, Veracidade e Não-Violência.

O nome de ORDEM DA ARCA corresponde à procura de uma nova ordem no mundo de desordem, distração e violência, para tentar salvar a espécie humana. Está no mundo para ir contra ele, um "povo novo que não conhece as fronteiras das nações, classes e credos", mas que se considera livre. Um povo que procura SER para depois AGIR e que vive uma acção não-violenta contínua com as regras prin-

cipais da Unanimidade e da Corresponsabilidade que anulam todas as formas de justiça violenta e todas as violências criadas pelos homens.

Depois de alguns anos de vida comunitária experimentada e provada, a ARCA abriu as portas ao mundo. É um movimento cujos núcleos são as comunidades que se têm multiplicado em França, Bélgica, Índia, Argentina e em breve no Canadá e em Espanha e nos Estados Unidos. Em vários países da Europa, das duas Américas, no Norte de África e na Índia aumentam o número de Aliados - que fazem promessa de Aliança - e de Amigos. Organiza acampamentos em França e noutros países, estágios nas comunidades e mantém correspondência com inúmeros países. Desde 1957 organiza acções cívicas não-violentas sobretudo com jejuns públicos e manifestações, segundo as urgências. Até hoje, Shantidas, os seus companheiros, aliados e amigos fizeram acções contra a tortura, contra a Bomba, contra os campos de concentração e para a criação do estatuto de objecção de consciência em França e Espanha. Shantidas fez um jejum de quarenta dias, em Roma, no decurso do concílio do Vaticano II para pedir ao Papa um parágrafo da encíclica Pacem in Terris sobre as quatro regras da resistência espiritual, uma posição firme da Igreja contra a guerra e o combate aos erros das chamadas "guerras santas". A Arca tem mantido há alguns anos uma acção anti-nuclear em França. No Larzac (sul da França) tem defendido os camponeses da expropriação das suas terras para fins militares.

A obra espiritual, política e cultural de Shantidas e da Arca é muito importante. Não é uma utopia, mas um testemunho vivo de uma esperança realizada, um caminho possível para a libertação de todos os homens e que nega todos os mecanismos desumanos em todos os planos da vida social numa nova vida sem violência. A vida exterior deve reflectir a vida interior na procura de perfeição, como a Inteligência do Homem criada para a luz deve reflectir a beleza da Luz e a Verdade da criação e do Criador.

Shantidas continua peregrino e é constantemente solicitado pelos comunidades, grupos de amigos e é convidado por inúmeros países. Em outubro de 77 foi convidado para ir à Índia dar conferências sobre Não-Violência e o pensamento de Gandhi. Percorre a Europa e as duas Américas.

Depois da saturação das revoluções exclusivamente exteriores, este é o ano em que PORTUGAL VAI OUVIR PELA PRIMEIRA VEZ CONFERÊNCIAS DE LANZA DEL VASTO ; A SUA MENSAGEM E ACÇÃO UNIVERSAIS; A EVIDÊNCIA DO SEU ENSINAMENTO QUE NOS É FAMILIAR EM PARTE, MAS QUE TEM SIDO ESQUECIDO E NÃO PRATICADO: QUE PORTUGAL COMPREENDA QUE É CHEGADA A HORA DA REVOLUÇÃO MORAL E QUE COMPREENDA E PRATIQUE A NÃO-VIOLENCIA e a sua força única e inteira de combate pela JUSTIÇA e PAZ, COM AS ARMAS DA JUSTIÇA, DO ESPÍRITO E DA VERDADE. Que a nossa língua seja um instrumento de comunicação da Não-violência para o Brasil e a África lusófona. QUE ESTA PRESENÇA ÚNICA NO NOSSO SÉCULO NOS ENCORAGE PARA UM NOVO CAMINHO E UMA NOVA HISTÓRIA.

AS CONFERÊNCIAS REALIZAR-SE-ÃO EM LISBOA, PORTO, COIMBRA, ÉVORA, NO MÊS DE ABRIL, durante três semanas ou mais, em DATAS A ANUNCIAR em breve.

PUBLICAÇÕES: Revista "Brotéria", Fevereiro de 1978: LANZA DEL VASTO E A NÃO-VIOLENCIA (apresentação de Lanza del Vasto e traduções de fragmentos sobre Não-Violência) A mesma revista publicará nos meses de Março, Abril e possivelmente Maio traduções de fragmentos e apresentação sobre OS PROGRESSOS DA CIÊNCIA-DO-BEM-E-DO-MAL desde os tempos Primitivos até à Bomba Atómica, LIBERDADE, as suas doenças e a procura de Libertação, AXIOMAS DA NÃO-VIOLENCIA e sobre a ARCA (apresentação e traduções de Helena Santos). A mesma tradutora traduziu uma antologia de Lanza del Vasto que espera publicação e continua a traduzir textos essenciais, com o acordo do autor

Helena Santos Hollander

HELENA SANTOS - ALIADA DA ARCA

35 bis Rue Étouppée-76000ROUEN-França (até 21/3, del/5, a 30/6 78)

Rua da Pendca, 13B Sintra -Portugal (de 22/3 a 30/4 e de 1/7 em diante)